

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E NOVAS PERIFERIAS EM CIDADES MÉDIAS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: MOSSORÓ (RN) E SOBRAL (CE)

Wagner Vinícius Amorim*

Cláudio Smalley Soares Pereira*

Cleiton Ferreira da Silva**

*Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, CE, Brasil

**Universidade de Pernambuco, Curso de Geografia, Garanhuns, PE, Brasil

Resumo

O artigo tem por objetivo fazer uma análise comparativa do processo de fragmentação socioespacial em duas cidades médias do Semiárido Brasileiro – Mossoró (RN) e Sobral (CE) – que coteja semelhanças e diferenças no que concerne ao porte demográfico, às funções interurbanas em suas respectivas redes e, fundamentalmente, aos seus habitats periféricos. Ambas se localizam na região Nordeste, fundada na grande propriedade rural e influenciada por condicionantes do clima semiárido predominante no domínio morfoclimático da Caatinga. Guardam, ao mesmo tempo, diferenças históricas quanto a sua situação geográfica, estruturação espacial, aspectos sociais, culturais e economias regionais. Essas cidades desvelam particularidades que, em análise comparativa, apresentam aspectos centrais ao processo de estruturação urbana e de fragmentação socioespacial. Esta última é tratada aqui como um processo multiescalar que tem sido sistematicamente aprofundado pelas políticas habitacionais, seja pela persistência das favelas e comunidades urbanas ou pelas estratégias do mercado imobiliário, cujos agentes promovem espaços residenciais fechados exclusivos, quase sempre associados a uma ideia de morar nas proximidades de locais de consumo para as altas rendas, em áreas aprazíveis e relativamente “afastadas” de locais “indesejados” da cidade, frequentemente atreladas à negação da própria cidade e de suas relações socioambientais. Este artigo, portanto, tematiza a fragmentação socioespacial e seus aspectos fundantes, tomando como base a dimensão do habitar e a atuação dos agentes econômicos produtores do espaço residencial urbano nas novas áreas periféricas.

Palavras-chave

Desigualdade e segregação socioespacial; Habitação; Urbanização; Fragmentação socioespacial; Periferias; Semiárido Brasileiro; Cidades médias.

SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION AND NEW PERIPHERIES IN MEDIUM-SIZED CITIES IN THE BRAZILIAN SEMI-ARID REGION: MOSSORÓ (RN) AND SOBRAL (CE)

Wagner Vinícius Amorim*

Cláudio Smalley Soares Pereira*

Cleiton Ferreira da Silva**

*Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, CE, Brazil

**Universidade de Pernambuco, Curso de Geografia, Garanhuns, PE, Brazil

Abstract

The article aims to analyze the process of socio-spatial fragmentation in two medium-sized cities in the Brazilian Semiarid: Mossoró, RN, and Sobral, CE, based on a comparative analysis of their similarities and differences in demographic size, interurban functions in their respective networks, and especially their peripheral habitats. Both are located in the Northeastern region, established in large rural properties, and influenced by the conditions in the predominant semi-arid climate in the morphoclimatic domain of the Caatinga. At the same time, their historical differences include their geographical situation, spatial structure, social and cultural aspects, and regional economies. Comparative analysis elucidated that these cities exhibit differences central to their process of urban structuring and socio-spatial fragmentation. This socio-spatial fragmentation means a multiscale process that has been systematically deepened by housing policies, either by the persistence of favelas and urban communities or by the strategies of the real estate market, whose agents promote exclusive enclosed residential spaces, almost always associated with an idea of living in the vicinity of places catering to high-income consumption, in pleasant areas and relatively “away” from “unwanted” places in the city, often linked to the denial of the city itself and its socio-environmental relations. Therefore, this article explores socio-spatial fragmentation and its founding aspects based on the dimension of inhabiting and the actions of the economic agents that produce the urban residential space in the new peripheral areas.

Keywords

Inequality and Socio-Spatial Segregation; Housing; Urbanization; Socio-spatial fragmentation; Peripheries; Brazilian Semiarid; Medium Cities.

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E NOVAS PERIFERIAS EM CIDADES MÉDIAS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: MOSSORÓ (RN) E SOBRAL (CE)¹

Wagner Vinícius Amorim

Cláudio Smalley Soares Pereira

Cleiton Ferreira da Silva

Introdução

As recentes transformações do modo de produção capitalista têm alterado significativamente a tessitura e a divisão social dos espaços urbanos. A ascensão de novas dinâmicas econômicas, tais como a globalização, a acumulação flexível e a compressão espaço-temporal (Harvey, 2008), repercute em mudanças na estrutura urbana e conforma novos processos espaciais, e elas podem ser compreendidas a partir da perspectiva da fragmentação socioespacial (Morcuende, 2021). Tal processo se aprofunda com a crise do capitalismo no contexto de uma “urbanização extensiva” e “planetária” (Monte-Mór, 2006; Brenner, 2018). Estudos recentes têm identificado, em diversos países, processos de fragmentação na escala das cidades, cujas particularidades as tornam necessários objetos de pesquisa e de investigação (Prévôt-Schapira, 2001; Navez-Bouchanine, 2002; Sposito; Sposito, 2020; Pereira, 2020; Legroux, 2021; Teixeira; Silva; Pereira, 2022; Silva, 2024).

A fragmentação socioespacial tem sido analisada como uma característica da urbanização contemporânea, alinhada à conformação de estruturas urbanas descontínuas, “estilhaçadas”, fraturadas, isto é, com formas territorialmente menos integradas, sinalizando não só a heterogeneidade das formas de habitar, mas também maneiras diferentes de se apropriar das cidades, usá-las, consumir e viver nelas, alterando a estrutura centro-periférica (Sposito; Góes, 2013).

1. Este artigo resulta de dois projetos de pesquisa: “Projeto Temático ‘Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas’ (Processo Fapesp n. 18/07701-8), do qual os autores foram pesquisadores associados, e “Economia política da urbanização e produção do espaço urbano no estado do Ceará: expansão imobiliária, habitação e fragmentação socioespacial” (Processo n. 406836/2023-0), coordenado pelo primeiro autor e apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Chamada Universal CNPq/MCTI n. 10/2023.

É importante destacar que as cidades brasileiras, especialmente entre as décadas de 1940 e 1980, apresentavam uma estrutura urbana baseada em áreas centrais habitadas por uma classe média/alta, na disponibilidade de infraestrutura, transporte e em uma dimensão simbólica de *status*, enquanto as áreas periféricas eram habitadas por uma população pobre e destituída dos direitos elementares, sendo vistas, portanto, como sinônimo de precariedade, carestia, tráfico de drogas e insegurança urbana (Silva; Melazzo, no prelo). Desse modo, ao analisar o espaço urbano sob a lógica fragmentária, estamos nos referindo “às ações e às práticas que se concretizam e dão novos sentidos aos múltiplos fragmentos que compõem a cidade atual” (Sposito, 2019, p. 21).

Nesse aspecto, reside uma hipótese a ser discutida ao longo deste artigo, qual seja: as novas periferias urbanas nas cidades médias brasileiras apresentam, atualmente, uma heterogeneidade social vinculada a uma nova morfologia espacial na produção do espaço urbano, que não pode mais ser reduzida à antiga dualidade que constituiu a teoria urbana, precisamente, a dicotomia do “centro rico” e da “periferia pobre”, também conhecida como “dualismo centro-periferia” (Marchal; Stébé, 2013).

A produção e o consumo do espaço urbano no contexto do capitalismo contemporâneo aprofundaram a dialética centro-periferia, multiplicando as áreas de centralidade e tornando mais heterogêneas as periferias (D’Andrea, 2020; Cerqueira, 2022; Caldeira, 2024). Ainda que persistam as condições materiais clássicas da periferia enquanto espaço de privação e ausências ou de dificuldades de meios de consumo coletivo, precarização da vida (Caldeira, 2024) e até domínio de grupos associados ao crime organizado, tal interpretação não é mais unicamente suficiente para qualificar o que é periférico no Brasil. Nesses termos, estamos diante da emergência de múltiplas periferias, sob o ponto de vista das formas e dos conteúdos, das lógicas e dos processos espaciais, o que suscita a necessidade de problematizar a urbanização contemporânea em suas diversas escalas, vetores, ritmos e formas de manifestação. A bibliografia aqui analisada reforça a ideia de que, apesar de ritmos diferentes, as periferias vêm sendo redefinidas, em suas formas e conteúdos, em espaços urbanos “não metropolitanos” (Davidovich, 1991) e fora da “região concentrada” (M. Santos, 1993), associada às interpretações que a tinham como protagonista em termos de dinâmicas da acumulação do capital.

Um aspecto importante que reforça a fragmentação socioespacial é a divisão social do espaço (Roncayolo, 1997) e o surgimento e a complexificação de novas formas de habitar na periferia, seja para atender aos segmentos de médio e alto padrão, por meio da promoção de loteamentos fechados – os chamados Espaços Residenciais Fechados (ERFs) (Sposito; Góes, 2013) –, seja para os segmentos de baixos rendimentos, caso dos *habitats* populares, pela ação do Estado (Legroux, 2021; Silva, 2020). Paralelamente, nota-se a existência, permanência e ascensão das

favelas, ocupações e casas com riscos de desabamentos, irregulares do ponto de vista fundiário e/ou localizadas em áreas carentes de serviços essenciais para a sobrevivência e reprodução social e individual.

Diante desse quadro, o artigo analisa a fragmentação socioespacial em duas cidades médias do Semiárido brasileiro: Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, e Sobral, no estado do Ceará. A pesquisa investigou tal processo a partir das diversas formas de habitação na periferia dessas cidades, aprofundando, assim, as contradições socioespaciais a partir de uma periferia cada vez mais complexa e heterogênea face a uma redefinição dos centros das cidades e da centralidade a eles atrelados.

Objetiva-se, portanto: i) analisar a fragmentação socioespacial em duas cidades médias do Semiárido, levando em consideração a historicidade e a atuação dos agentes; ii) demonstrar a manifestação de processos socioespaciais que reiteram a complexificação e a heterogeneidade da periferia e a maneira como atingem os diferentes segmentos sociais; e iii) analisar a fragmentação socioespacial por meio do uso e do consumo segmentados do espaço urbano, a partir da dimensão empírica do habitar.

Para isso, procedeu-se com o levantamento e o mapeamento: i) dos ERFs destinados aos segmentos de médias e altas rendas (condomínios horizontais e loteamentos fechados); ii) dos *habitats* periféricos destinados aos segmentos populares do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), por meio do Sistema de Gerenciamento da Habitação (SisHab); e, por fim, iii) das favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024) autoconstruídas e/ou em áreas precárias. Consequentemente, a produção cartográfica é analisada à luz do debate teórico sobre a fragmentação socioespacial e a produção do espaço urbano das novas periferias, pela análise de uma bibliografia especializada e dos novos *habitats* nas áreas periféricas de Mossoró e Sobral, visando contribuir para os estudos sobre o fenômeno nas cidades médias brasileiras.

Partilha-se, portanto, do pressuposto de que a recente expansão da promoção da habitação e da dinâmica imobiliária, articulada com os novos espaços de consumo modernos, por meio da atuação de diversos agentes (imobiliário, rentista, construtor e Estado, por exemplo), vem produzindo um “novo fenômeno urbano” no Semiárido, suscitando a hipótese de que o processo de fragmentação socioespacial se manifesta em cidades médias dessa região pelo aprofundamento da segregação socioespacial, pela oferta desigual de possibilidades de consumo do espaço e pela reprodução de desigualdades socioespaciais, enfraquecendo a tradicional estrutura centro-periférica, o que passa a exigir um novo olhar conceitual e teórico para compreender tais cidades na atualidade.

1. A periferia na perspectiva do processo de fragmentação socioespacial

A lógica centro-periférica na produção do espaço estruturou a conformação do tecido urbano brasileiro e das cidades capitalistas ao redor do mundo. Foi alvo de análise da “teoria urbana convencional”, da Escola de Chicago e da economia urbana até meados dos anos 1970 e foi contestada pela “teoria urbana crítica”, a partir das transformações estruturais do capitalismo desde a Segunda Guerra Mundial, sobretudo após a sua crise e a reestruturação socioespacial depois da década de 1970 (Brenner, 2018; Gottdiener, 2010; Soja, 1993; Ren, 2021).

As transformações metropolitanas nos países do centro do capitalismo tornaram as explicações dominantes da teoria urbana um tanto obsoletas, dado o fato de que novas determinações estruturais do período pós-fordista entraram em cena e exigiram uma interpretação conceitual diferente (Brenner, 2018; Gottdiener, 2010; Marcuse, 2004; Telles, 2015). Na atual “era urbana” da sociedade, lógicas de produção do espaço em múltiplas escalas suscitaram um novo interesse pelas cidades, atrelado não apenas aos modelos de organização social e espacial clássicos, mas convidando à compreensão de uma nova realidade urbana, agora global e planetária (Brenner, 2018).

No que se refere ao Brasil, Caldeira (1997) analisa o período de 1940 a 1980, em que a divisão social do espaço se dava da seguinte forma: os ricos habitavam áreas centrais, com acesso a comércio, lazer, transportes e serviços ancorados pelo capital político, econômico e social que possuíam e pelo simbolismo de prestígio com a proximidade do poder, estrategicamente localizado em áreas centrais. O centro era, nesse sentido, “a forma principal de urbanidade, sua representação mais marcante, mas também [...] expressão do sentimento social de pertencer a uma cidade” (Sposito, 2010, p. 201).

A periferia, por outro lado, tornou-se um local no qual se evita morar, representando mazelas e contradições sociais, precarização e criminalidade, isto é, o lado “problemático” da cidade, onde o saneamento básico era ausente, e o transporte público e serviços essenciais para a população (saúde, educação e moradia) eram deficientes e precários. D’Andrea (2020), por exemplo, ressalta o estigma acerca da periferia, especialmente até a década de 1980. Favelas e ocupações foram se avolumando e sendo sucedidas por autoconstruções e ações ilegais de loteadores (Maricato, 2000), com um padrão de urbanização concentrado e polarizado (F. Oliveira, 1982). Ao mesmo tempo, a periferia passou a ser o centro da ascensão de movimentos sociais, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), de associações de moradores que reivindicavam desde a contraposição de reintegrações de posse das famílias até serviços básicos essenciais para a população, em meio ao processo de redemocratização do país.

Não obstante, a provisão de equipamentos urbanos e de infraestrutura básica nas periferias se tornava uma potente moeda político-eleitoral e um poderoso mecanismo de controle das cidades por parte das elites e de constituição de várias bases eleitorais para os partidos de diferentes estirpes (Rolnik, 2019), bem como para o crime organizado. Paralelamente, no final do período da ditadura militar, em 1986, a provisão habitacional conduzida pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) entrou em declínio, sem ter direcionado seus investimentos suficientemente para o enfrentamento do déficit habitacional na base da pirâmide social.

Soma-se a isso a quase impossibilidade de escolha residencial para os segmentos sociais mais pobres, o que está diretamente relacionado às condições socioeconômicas e às dificuldades de acesso à casa própria e aos serviços básicos. Trata-se, portanto, do ponto de vista residencial, de uma “segregação imposta” (Corrêa, 2013, p. 43), que expulsa as populações vulneráveis de localizações mais centrais e mais próximas do trabalho para os arrabaldes das cidades (Rolnik, 2019).

A lógica centro-periférica passa a ser questionada com a ascensão de mudanças substanciais do capitalismo em sua etapa financeirizada, por meio de uma nova ordem política, econômica e social (Morcuende, 2021). Brenner (2018) fala de uma “urbanização planetária” na esteira da “planetarização do urbano” de Lefebvre (2004), enquanto Monte-Mór (2006) propõe a ideia de “urbanização extensiva” para dar conta de uma sociedade virtualmente urbana no Brasil, para além das cidades e áreas urbanizadas. O simbolismo e a ideologia urbanos, portanto, confluem para uma tessitura socioespacial complexa e múltipla nos espaços das cidades.

No contexto de tais transformações, um “urbanismo subalterno” (Roy, 2017) colocou a periferia e as cidades do sul global (Caldeira, 2024) no centro da reflexão, ganhando evidência ao tratar as periferias, comunidades urbanas e favelas como “terreno de habitação, subsistência, auto-organização e política” (Roy, 2017, p. 5). Assim, a “urbanização periférica” (Caldeira, 2024) ganha centralidade no contexto dos debates da teorização do urbano e da produção das cidades.

Para Kayser (1982), o estudo das periferias urbanas era ainda pouco conhecido e necessitava de amplo engajamento com vistas a compreender o que havia de novo nesses espaços. Analisando a realidade francesa, Kayser destacou que os contextos dos anos 1980 revelaram modificações socioespaciais importantes no “espaço periurbano” em termos de construção habitacional e de novas formas de produção e reprodução da força de trabalho. Ele mostrou que as periferias traduzem a relação sociedade-espaço, que constantemente muda diante de nossos olhos. Essa transformação espacial das periferias urbanas também sinaliza o importante papel desempenhado pelas mobilidades e desigualdades sociais, revelando as contradições socioespaciais (Burgel, 1991-1992) que implicaram, portanto, a necessidade de se repensar a centralidade e as periferias (Marchal; Stébé, 2013).

Analisando o contexto brasileiro, a periferia passa a ser objeto e objetivo de atuação de diversos agentes: por meio de projetos de urbanização e regularização de posse de favelas pelo Estado (Cardoso, 2012); como estratégia de mobilização dos moradores para conquista de infraestrutura (Caldeira, 2024); na expansão de conjuntos habitacionais nas bordas periféricas, numa consonância entre Estado e construtoras (Dourado; Sobrinho, 2020); numa reformulação da política habitacional por meio do PMCMV; na incorporação de ERFs a partir da década de 1970, nas periferias tanto das metrópoles (Caldeira, 1997) como das cidades médias (Sposito; Góes, 2013); no aumento do número de ocupações irregulares, com carência de serviços públicos essenciais e localizadas em áreas com restrição à ocupação, em meio ao cenário pós-pandemia (Silva, 2024); no surgimento de “novas centralidades”, pela promoção de espaços segmentados de comércio, serviços e lazer para atender aos mais ricos (Pereira, 2020); ou, ainda, na ascensão de uma periferia que exalta o empoderamento, as virtualidades socioculturais e também as resistências (Santos, 2008). Paralelamente, periferia passou a ser um lugar simbólico de pertencimento, de resistência e de orgulho² dos sujeitos periféricos (D’Andrea, 2020).

O consumo desigual da cidade e a divisão social do espaço se agudizam, refletindo as contradições socioespaciais e a concentração de riquezas, tornando a periferia mais complexa (Sposito; Góes, 2013; Sposito; Sposito, 2020; Teixeira; Silva; Pereira, 2022). Ao mesmo tempo, a multiplicidade de *habitats* periféricos, ERFs, favelas e conjuntos habitacionais do PMCMV, em que pese sua proximidade espacial em algumas áreas periféricas, não implica usufruto e apropriação da cidade por seus moradores de forma equânime, pois as ações, a mobilidade cotidiana e o acesso ao lazer desses cidadãos estão cerceados por suas condições socioeconômicas e condicionados às restrições territoriais, do ponto de vista da acessibilidade a certas áreas (Teixeira; Silva; Pereira, 2022).

O contexto das novas periferias no âmbito da “planetarização do urbano” (Lefebvre, 2004) expressa uma combinação entre fragmentação, hierarquização e homogeneização pelo momento atual da produção contraditória do espaço sob a globalização. O espaço “despedaçado”, a tessitura disforme e menos integrada e a multiplicidade de interesses dos agentes, sejam eles hegemônicos ou contra-hegemônicos, são evidentes. Essa cidade “parece caótica e está fragmentada, mas sob o caos, há ordens; a fragmentação não é aleatória. [A cidade] está dividida, mas não é dual ou ilimitadamente plural” (Marcuse, 2004, p. 84).

2. A expressão “A favela venceu”, propagada especialmente por moradores de favelas que ascenderam socialmente ou se projetaram nas redes sociais, tornou-se um símbolo de resistência desses jovens, mesmo sabendo-se que, para o conjunto desse segmento, persiste um quadro de desigualdade e precariedade usual.

Esse panorama tem nos colocado a pensar não apenas no conceito de periferia (Corrêa, 1986), mas em periferias urbanas (Sposito, 2004), que se tornaram cada vez mais plurais, diversas e mesmo desiguais no contexto contemporâneo (Brenner, 2018), apontando para a perspectiva da poliperiferia (Richmond; Jesus; Legroux, 2023). Isso tensiona ainda mais a “geografia” da produção do conhecimento em torno da teoria urbana contemporânea (Roy, 2013), sinalizando para uma virada periférica (*peripheral turn*) nos estudos urbanos globais (Ren, 2021; Caldeira, 2024) e contribuindo para a teorização a partir das margens com base em casos concretos de espaços urbanos do sul global além das metrópoles e regiões metropolitanas.

2. O processo de fragmentação socioespacial em cidades médias: a produção de novas periferias no Semiárido brasileiro

A análise da fragmentação socioespacial exige que consideremos três dinâmicas articuladas à produção do espaço urbano latino-americano: i) as ligações entre a transformação da estrutura urbana e as relações sociais que produzem o espaço; ii) as políticas públicas e as formas de governança que atravessam as tomadas de decisões sobre a cidade, isto é, a política urbana; e iii) as transformações econômicas da globalização (Prévôt-Schapira; Pineda, 2008). No contexto pós-fordista, essas dinâmicas estão associadas ao aprofundamento das questões atinentes ao urbano por meio da mobilidade, da habitação, do trabalho, do consumo e do lazer.

A ampliação das desigualdades socioespaciais, seja pela análise da inserção das formas de habitar, seja pela permanência de favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024) – apesar das políticas habitacionais –, reflete a importância das evidências empíricas na pesquisa socioespacial, como no caso das cidades que nos propomos a analisar, isto é, realidades inseridas dentro de um contexto nordestino, diverso e heterogêneo, de reorientação e destinação de políticas públicas de infraestrutura e de políticas sociais redistributivas em décadas recentes (Araújo, 2002).

Mossoró e Sobral figuram como cidades médias do Semiárido brasileiro, desempenhando papéis regionais em relação a cidades menores do seu entorno, o que as tornam importantes nós de intermediação na rede urbana nordestina (Figura 1). Ambas são consideradas Capitais Regionais C na mais recente pesquisa sobre as Regiões de Influência das Cidades (IBGE, 2020). Essas cidades articulam atividades comerciais, de serviços, sistemas educacionais dos mais variados segmentos, shopping centers e indústrias. Elas surgiram como empórios comerciais e entrepostos fiscais (especialmente Sobral) e foram adquirindo importância regional pela atuação de suas elites locais, pela situação geográfica e pela função comercial (Rocha, 2005; Lima, 2014).

Mossoró se localiza no oeste do estado do Rio Grande do Norte e tem uma população de 264.577 habitantes (IBGE, 2023), distante 277 km de Natal e 260 km de Fortaleza. Sobral dista 240 km de Fortaleza e em uma população de 203.023 habitantes (IBGE, 2023). Por meio da Lei n. 13.568/2017, Mossoró foi oficialmente definida como a “capital do Semiárido”, em função da sua importância enquanto eixo polarizador regional (para outras cidades do entorno), alcançando uma população aproximada de 638 mil pessoas (Oliveira, 2012, p. 82) e exercendo influência direta sobre 68 municípios potiguares em sua Região Geográfica Intermediária. Por sua vez, Sobral, em sua Região Geográfica Intermediária, exerce influência sobre uma população de 602.828 pessoas, dispersas por 44 municípios da região norte do estado do Ceará (IBGE, 2017).

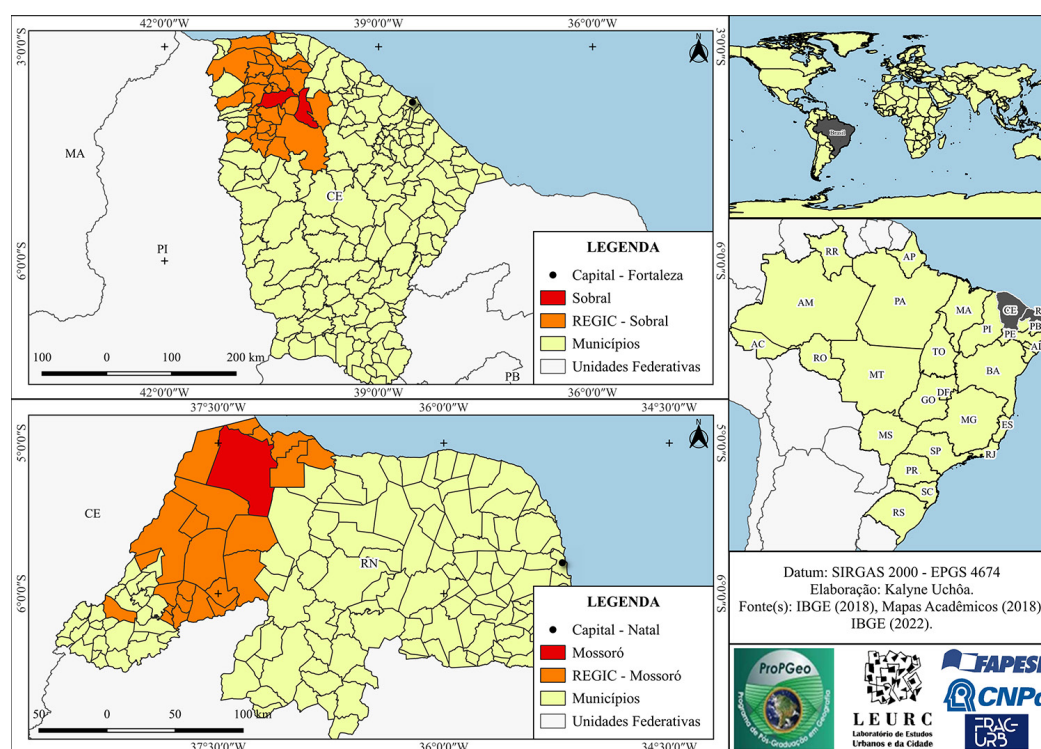


Figura 1. Localização de Sobral (CE) e Mossoró (RN) na escala dos estados e do país

Ao analisar as duas cidades, levando-se em consideração suas dinâmicas, a fragmentação socioespacial emerge como uma potente perspectiva para se compreender, de um modo geral, a urbanização no período contemporâneo (Prévôt-Schapira, 2001; Navez-Bouchanine, 2002; Sposito; Sposito, 2020) e, particularmente, a estrutura urbana herdada de um passado regional de diferenciação que aponta para um futuro de fragmentação (Araújo, 1997). Pensar a urbanização a partir da perspectiva da fragmentação socioespacial significa articular os processos

subjacentes à segregação e à segmentação socioespaciais, bem como à diferenciação espacial, em suas diferentes escalas.

É importante situar que a relação centro-periferia é redefinida de forma dialética, mas centro e periferias não desaparecem simplesmente. Eles se tornam mais complexos, em termos de morfologia urbana e social, e se diversificam. Centro e periferia, portanto, se revelam desiguais e diferenciados, exigindo um tratamento conceitual que apresente “uma maneira extremamente diversificada”, como sugeriu Lefebvre (1988, p. 63). Analisando-as a partir de uma perspectiva que articule a redefinição da relação dialética entre centro e periferia, as práticas associadas ao cotidiano em meio a uma ampliação das desigualdades revelam as tensas relações entre as esferas pública e privada em um contexto de capitalismo neoliberal pós-fordista (Sposito; Sposito, 2020).

É nesse sentido que a expansão dos *habitats* periféricos em Sobral e em Mossoró se mostra resultante da produção capitalista, correspondendo à face extremada das transformações recentes do neoliberalismo. Daí decorre a escolha pelo mapeamento e análise da expansão e inserção socioespacial das diferentes formas de *habitats* informadas na introdução deste artigo.

Portanto, a multiplicação e complexificação de *habitats*, a partir da divisão social do espaço, tem redefinido e alterado a lógica centro-periférica que tradicionalmente estruturava tais cidades. Se no passado a periferia era majoritariamente habitada pelas classes mais pobres e subalternas, enquanto os ricos habitavam as áreas centrais das cidades, com todas as comodidades, facilidades e infraestruturas disponíveis, contemporaneamente a lógica espacial centro-periférica vem sendo sobreposta por uma lógica fragmentária (Sposito; Sposito, 2020). Ocorre que, em função da complexificação da estrutura urbana, novas áreas de centralidade foram criadas em áreas periféricas, na forma de eixos e superfícies comerciais de prestação de serviços, como faculdades, supermercados, lojas de departamento, shoppings, galerias, *malls*, bares e restaurantes, para atender às novas demandas dos segmentos socioeconômicos em ascensão, cujos locais de residência se dispersam em função do espraiamento urbano (Sposito; Góes, 2013).

Em Sobral e Mossoró proliferam, concomitantemente, espaços de consumo segmentados e direcionados para um perfil de público de estratos sociais superiores (E. Amorin, 2016; W. Amorin, 2024; Lima, 2014; Teixeira; Silva; Pereira, 2022). Isso se relaciona diretamente com a lógica da produção imobiliária e da valorização diferencial do espaço urbano. A consolidação, portanto, da fragmentação socioespacial subjacente à expansão do capitalismo resulta em morfologias urbanas mais fraturadas, produtos de um distanciamento socioespacial mais acentuado, ainda que mantenham algum nível de relação, conforme destacado por Marcuse (2004).

3. Espaços residenciais e a fragmentação socioespacial em Mossoró e em Sobral: evidências empíricas de um processo em curso

A realização do mapeamento das variáveis mencionadas permitiu a sistematização de alguns argumentos que identificam a fragmentação socioespacial em curso. As Figuras 2 e 6, por exemplo, apresentam os elementos estruturadores do espaço urbano de Mossoró e de Sobral, respectivamente, em cujos mapas pode ser visualizada a inserção socioespacial dos empreendimentos residenciais populares e dos ERFs. Além disso, pode-se observar a localização das superfícies comerciais, como shopping centers, supermercados e hipermercados, quase sempre situados nos principais eixos viários, denotando a necessidade de uma maior fluidez territorial para acelerar o tempo de giro do capital e da reprodução do capital (Harvey, 2008).

Em relação aos ERFs, nota-se uma expansão periférica que modifica significativamente o sentido clássico da periferia (Langenbuch, 2001). Atualmente, com a urbanização da sociedade e do território (Lefebvre, 1988; 2008; M. Santos, 1993), as áreas periféricas mudaram de conteúdo e passaram a ser progressivamente os locais escolhidos pelos grandes incorporadores e construtoras para a produção de espaços residenciais fechados destinados às famílias de média e alta rendas.

Em Sobral e em Mossoró, a maior parte dos investimentos imobiliários de média e alta rendas, que resultou, nas últimas décadas, em uma expansão do ambiente construído com forte participação estatal e de imobiliárias locais e regionais, situa-se na porção periférica noroeste e oeste, respectivamente. São empreendimentos significativos que estão associados à presença de infraestrutura viária, de estabelecimentos comerciais e de serviços e de equipamentos públicos de meios de consumo coletivo.

No caso de Mossoró, o Alphaville, lançado em 2008, é um dos empreendimentos do bairro Bela Vista e foi construído posteriormente à inauguração do Partage Shopping Mossoró, em 2007. Também os condomínios Sunville e Quintas do Lago foram lançados em 2007 e 2009, respectivamente. Nesse novo vetor de expansão urbana, a presença do poder público, segundo Dias e Silva (2022), dá-se por meio de três importantes movimentos de ampliação do perímetro urbano, quais sejam: a demarcação e delimitação no Plano Diretor em 2006, o aumento da sua delimitação em 2009 e um novo aumento em 2012.

No vetor oeste, especificamente, há uma forte presença de equipamentos comerciais de amplo alcance espacial, como o Atacadão, universidades privadas, galerias comerciais, escritórios e outros empreendimentos comerciais e imobiliários. Essa área, em especial o bairro Bela Vista, vem se tornando, já há duas décadas, uma nova área de centralidade em Mossoró, redefinindo a divisão social do espaço, bem como a relação centro-periferia (E. Amorin, 2016; Teixeira; Silva; Pereira, 2022).

Trata-se de uma “centralidade periférica”, ou uma “centralidade na periferia”, pois está distante do centro da cidade, porém oferece possibilidades de consumo, lazer e moradia para uma classe social mais abastada, a apenas algumas poucas centenas de metros de conjuntos habitacionais da classe trabalhadora (periferia no sentido social). É uma periferia com um novo conteúdo, não apenas de moradia, mas de consumo de bens e serviços, fomentando a reunião e o encontro (ainda que entre os mais ricos), o que a qualifica como centralidade, mesmo que segmentada.

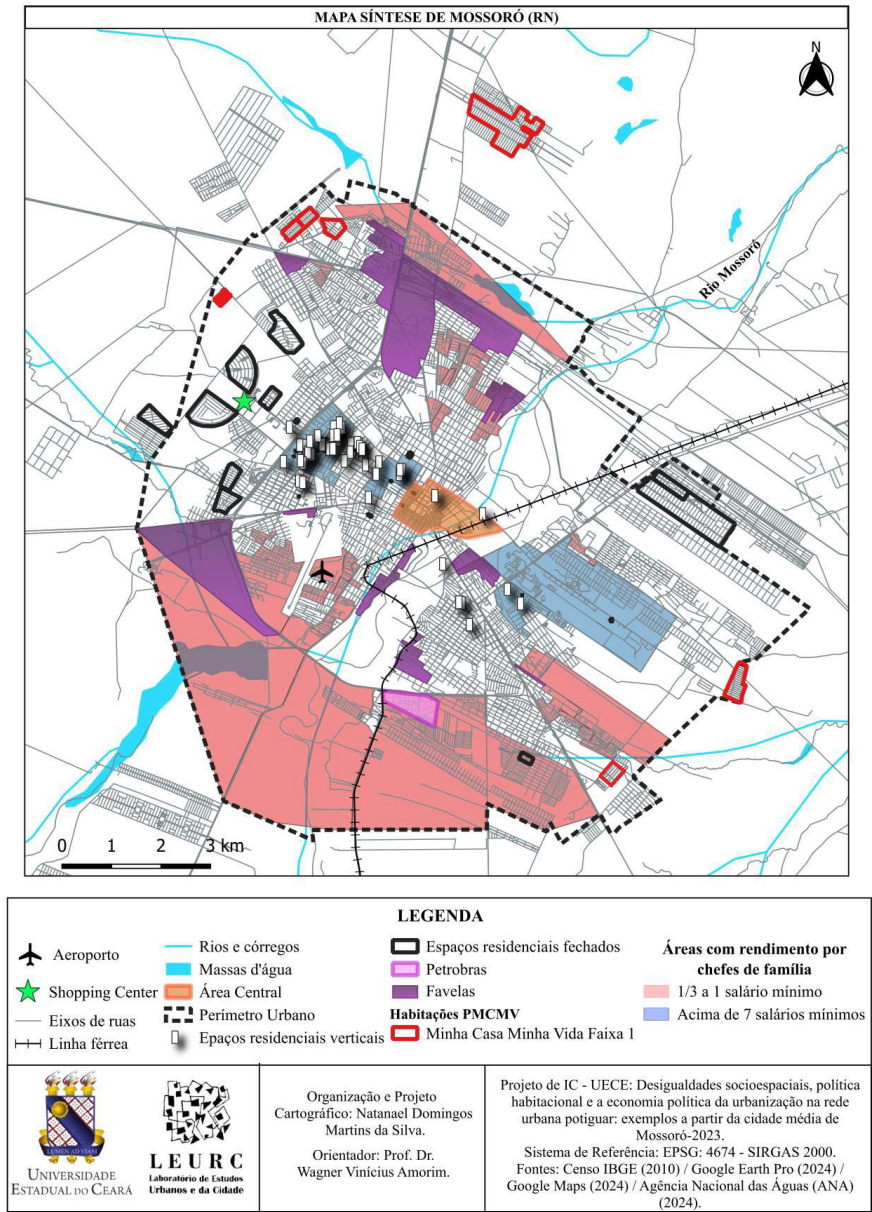


Figura 2. Mapa síntese dos elementos estruturadores do espaço urbano e das novas formas de morar e consumir em Mossoró (RN), 2022



Figura 3. Espaços residenciais fechados em Mossoró (RN) como novas formas de morar e consumir: Alphaville (esquerda) e Quintas do Lago (direita)

Fonte: Arquivos FragUrb – Trabalho de campo de janeiro de 2022; Quintas do Lago (site institucional).

O mapeamento síntese (Figura 2) reproduz os elementos estruturadores do espaço e a materialidade de novos habitats. Há um movimento contínuo de afastamento do centro pelos ERFs, onde é possível observar os condomínios Alphaville e Quintas do Lago a oeste (Figura 3), por exemplo, os conjuntos habitacionais do PMCMV ainda mais deslocados e as áreas de favelas e comunidades, o que torna

plural e polimórfico o sentido da periferia, cujo entendimento extrapola as distâncias geométricas no espaço euclidiano e áreas anteriormente caracterizadas unicamente por habitats populares, favelas e comunidades urbanas, pois há agora, nas áreas periféricas, estratos sociais diversificados com diferentes rendimentos e, conseqüentemente, tipologias residenciais e usos do solo variados.

Ao tratar da produção social de mercado, esse nicho também foi ampliado para os segmentos de menor poder aquisitivo, como demonstra a Figura 4, que traz a produção da habitação social de mercado via programas habitacionais entre 1964 e 2020. Com ela, é possível notar a inserção socioespacial por meio desse modelo de política pública de construção de moradia popular. A iniciativa segue os moldes clássicos de localização periférica, ampliando as formas de segregação socioespacial e reproduzindo as complexas relações que dificultam o acesso dos cidadãos mais pobres às áreas centrais, aos serviços e a suas dimensões empíricas essenciais da reprodução social, tais como a mobilidade, o habitar, o trabalhar, o lazer e o consumir. Todas essas dimensões são mais precarizadas quando se observa a vida social e a experiência urbana dos habitantes dos residenciais da habitação social de mercado (Silva, 2020).

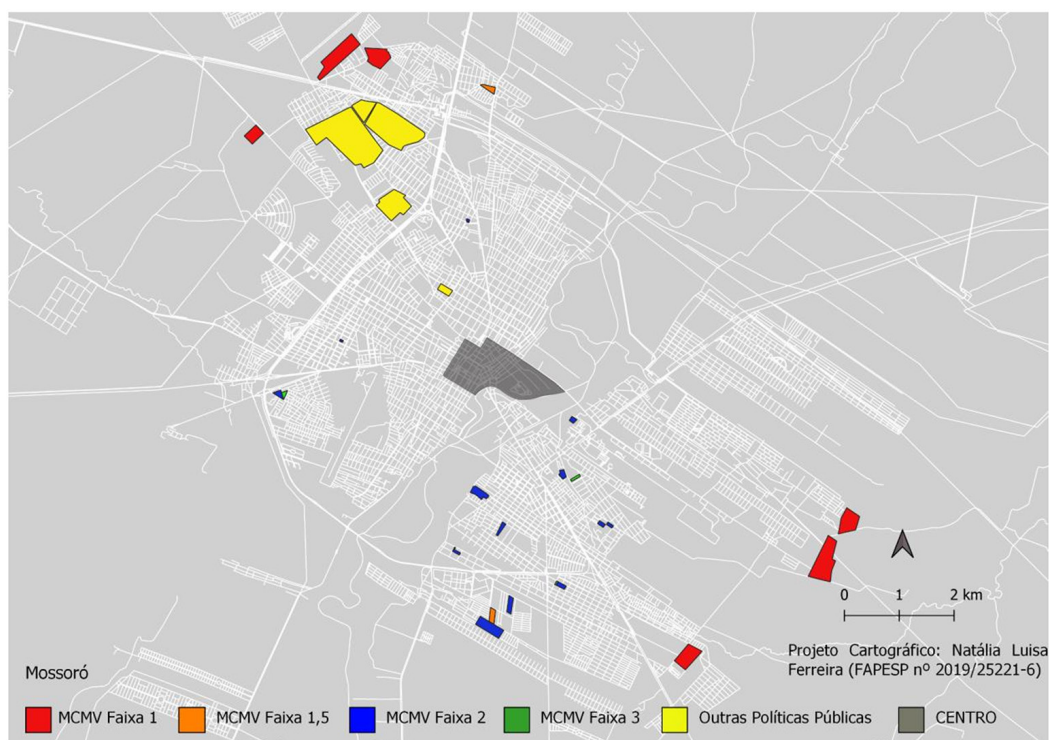


Figura 4. Produção da habitação social de mercado por meio de programas habitacionais em Mossoró (RN) entre 1964 e 2020

Em Mossoró, na mesma porção de localização dos ERFs citados, ou seja, no vetor oeste, localizam-se as habitações do PMCMV, representados pelo Residencial Mossoró, dividido em três condomínios (Mossoró I, II e III) e totalizando 900 unidades habitacionais, cada uma com 39,05 m² e organizada em dois quartos, cozinha, sala, área de serviço e banheiro. Localizado também no bairro Bela Vista, esse empreendimento demonstra a complexificação e a diversificação periférica aqui analisada. Essa mesma porção da cidade revela, ao mesmo tempo, periferias diferenciadas, ricos e pobres espacialmente próximos mas socialmente distantes.

É possível observar, ainda, que os empreendimentos se concentram nas porções norte e sul do perímetro urbano, ou seja, as áreas destinadas às habitações de interesse social (Faixa 1) estão essencialmente localizadas nas extremidades periféricas da cidade (Figura 4), havendo pouca continuidade espacial com a malha urbana consolidada, sobretudo no caso do Conjunto Habitacional Maria Odete Rosado (Figura 5), localizado no extremo sudeste do perímetro urbano.



Figura 5. Empreendimentos residenciais em Mossoró (RN) construídos por meio do Programa Minha Casa Minha Vida: (1) Residencial Mossoró I; (2) Conjunto Habitacional Maria Odete Rosado; (3) Conjunto Habitacional Santa Julia; e (4) Conjunto Habitacional Jardim das Palmeiras
Fonte: G1 RN (2019); Prefeitura Municipal de Mossoró (2017); Arquivos FragUrb – Trabalho de campo de janeiro de 2022; Construtora Cageo (2016).

A localização dos empreendimentos do PMCMV em Mossoró, portanto, reproduz a lógica de produção de loteamentos em descontinuidade com a malha urbana consolidada, iniciada ainda nos anos de 1970, no auge do BNH (Elias; Pequeno, 2010), e suas características “populares” os destinavam aos segmentos sociais de menor

renda, com lotes de pequenas dimensões e numerosas unidades habitacionais concentradas num mesmo empreendimento. Quando Harvey (1980, p. 146) afirmou que “o rico pode dominar o espaço enquanto o pobre está aprisionado nele”, ele estava tratando exatamente dessas questões, ou seja, as possibilidades de “acesso à cidade” dependem muito das lógicas de habitação, da propriedade fundiária e, por fim, das condições socioeconômicas.

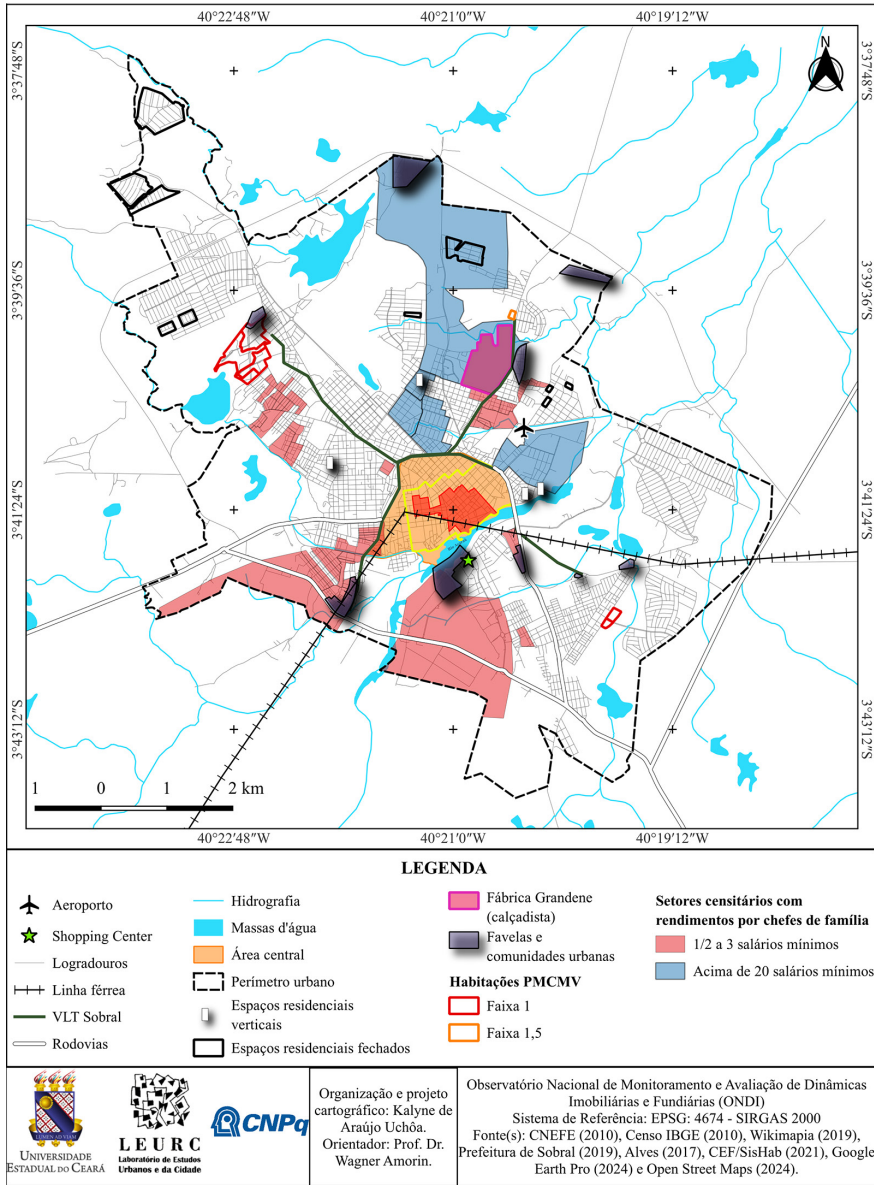


Figura 6. Mapa síntese dos elementos estruturadores do espaço urbano e das novas formas de morar e consumir em Sobral (CE), 2022

Com relação aos ERFs na cidade de Sobral (CE), esses empreendimentos reforçam a segregação socioespacial. Como é possível observar na Figura 6, eles estão em localizações periféricas, predominantemente ao norte da cidade, com uma concentração de espaços residenciais fechados no vetor de valorização imobiliária em direção ao sopé da Serra da Meruoca. A localização dos espaços residenciais fechados mais novos e maiores nesse vetor de valorização imobiliária que segue a CE-040 em direção a essa serra, como o notório exemplo do Granvile Residence (Figura 7), explica-se em função das amenidades ambientais (utilizadas como um marketing pelas construtoras), isto é, além da paisagem natural, há um microclima local de sopé de serra que resulta das brisas formadas entre a barreira orográfica e o Rio Acaraú, o que torna a área em questão “aprazível”. Trata-se de uma amenidade ambiental apropriada pelo mercado imobiliário, pois, numa cidade quente do Semiárido, tais amenidades se convertem em verdadeiras “raridades” (Assis, 2010, p. 179).



Figura 7. Espaços residenciais fechados em Sobral (CE) como novas formas de morar e consumir: Residencial Moradas (lado esquerdo) e Granvile (lado direito)

Fonte: Trabalhos de campo (2021-2024).

No que concerne à produção social de mercado em Sobral entre os anos de 1964 e 2020, a Figura 8 retrata sistematicamente o processo de periferação dos conjuntos habitacionais populares e sua inserção socioespacial em praticamente todos os quadrantes da cidade, evidenciando um padrão de distanciamento do centro.

Para o caso de Sobral, embora existam empreendimentos do PMCMV em menor proporção, a quantidade de unidades habitacionais é significativa, a ponto de apenas dois conjuntos habitacionais – Jatobá I e II e Orgulho Tropical I, II e III, o último popularmente conhecido como “Nova Caiçara” – concentrarem 3.858 unidades da Faixa 1 do PMCMV (Figura 9). Eles estão segregados em duas áreas periféricas da cidade, opostas uma em relação à outra, respectivamente a sudeste e a noroeste, como é possível notar nas Figuras 6 e 8.

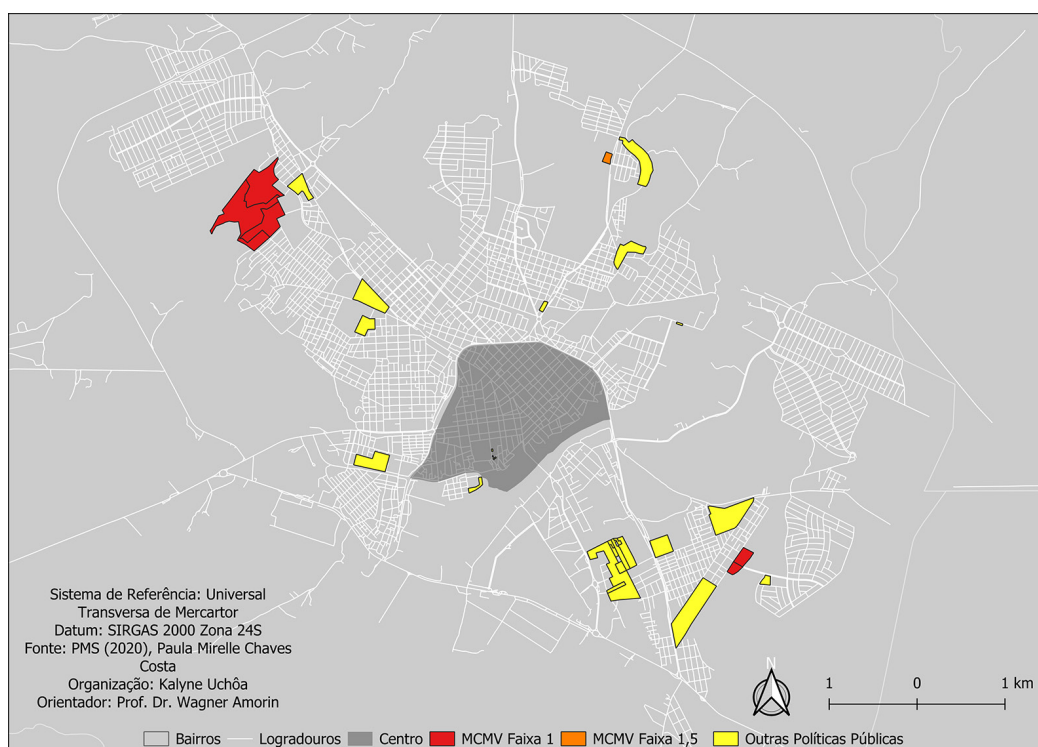


Figura 8. Produção da habitação social de mercado por meio de programas habitacionais em Sobral (CE) entre 1964 e 2020

Portanto, o padrão periférico dos empreendimentos do PMCMV, sobretudo aqueles destinados à Faixa 1 (habitação de interesse social), assemelha-se à localização de conjuntos habitacionais populares implantados em políticas do BNH, distantes das áreas centrais e com precárias condições de infraestrutura e de serviços coletivos, como equipamentos de saúde, escolas e creches, transporte público, saneamento básico e pavimentação asfáltica (Maricato, 1987; Nascimento, 2013).



Figura 9. Empreendimentos residenciais em Sobral (CE) construídos por meio do PMCMV: (1) Conjunto Habitacional Jatobá e (2) Conjunto Habitacional Nova Caiçara

Fonte: Sobral Online (2021) e Blog Sobral Informativo (2012).

Do ponto de vista das condições da moradia, as maiores precariedades habitacionais, e consequentemente a contundência da “condição periférica” (Sposito, 2022), são vividas pelos moradores das favelas e comunidades urbanas (IBGE, 2024) (Figura 10). De um modo geral, eles sofrem com problemas muito semelhantes, sejam nas metrópoles ou nas cidades médias: infraestrutura precária (Figura 11), insegurança constante, preconceito de classe e raça – já que na maioria dos casos há concentração de população negra em tais áreas –, risco de violações de direitos básicos, despejos forçados, repressão policial e adensamento populacional excessivo (Trindade, 2020). O mapeamento desses espaços foi atualizado pelo IBGE no ano de 2020, fonte a partir da qual foram elaborados os mapas da Figura 10.

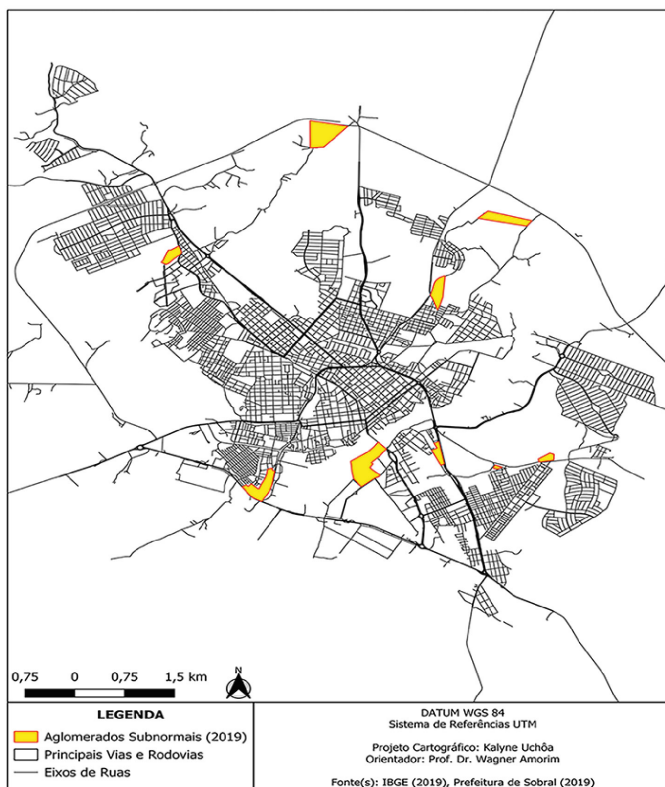
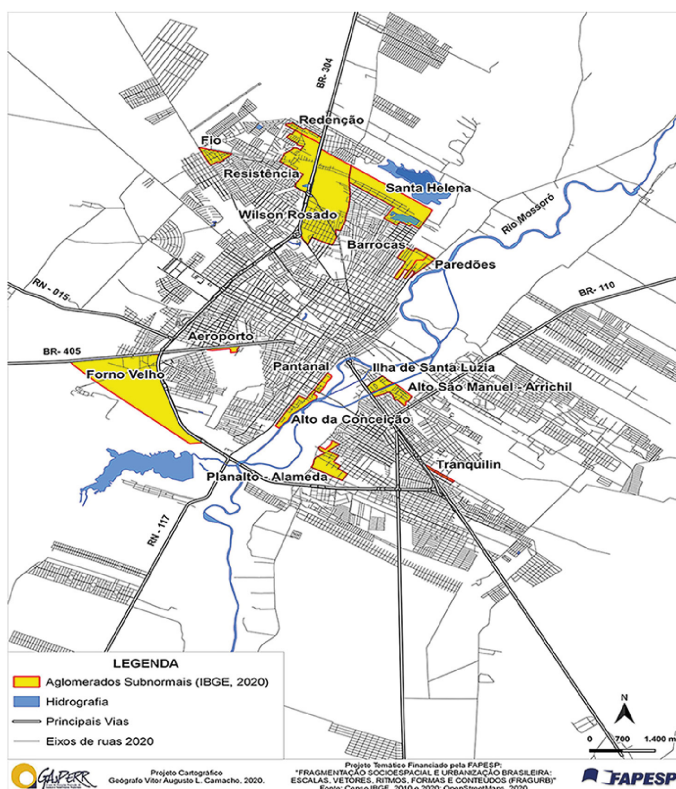


Figura 10. Favelas e comunidades urbanas em Mossoró (RN) e Sobral (CE), 2020



Figura 11. Exemplos de favelas e comunidades urbanas em Mossoró (RN) e Sobral (CE): (1) Terra Prometida e (2) e Vila Recanto

Fonte: Arquivos FragUrb – Trabalho de campo de janeiro de 2022; Costa (2023)

A existência de ERFs e de conjuntos habitacionais populares – estes últimos construídos por meio do PMCMV nas áreas periféricas das cidades – vem acompanhada da contraditória permanência das favelas e comunidades urbanas, aqui representando o processo de favelização, que, especialmente na conjuntura pandêmica e pós-pandêmica da covid-19, escancarou de forma abrupta e perversa as desigualdades estruturais da sociedade brasileira (Trindade, 2020).

A periferia, portanto, expressa a coexistência de *habitats* diferentes, cujos cidadãos apresentam padrões socioeconômicos e rendimentos profundamente desiguais. Ela é heterogênea, variada, e cada cidade tem sua especificidade no que diz respeito à urbanização periférica (Caldeira, 2024). Ainda assim, como apontou Marcuse (2004, p. 84), “as desigualdades entre seus residentes estão refletidas nas

desigualdades dos espaços que ocupam”. A relativa proximidade geométrica entre diferentes classes sociais nas duas cidades analisadas no presente artigo não se reflete numa proximidade das relações sociais entre os desiguais, seja no uso e na apropriação do espaço, seja na efetivação dos direitos sociais, seja no consumo, seja na mobilidade cotidiana de maneira digna. Ao contrário, nota-se um processo de divisão social do espaço e uma desigualdade que tem se consubstanciado de modo ainda mais perverso pela fragmentação socioespacial.

Considerações finais

A expansão territorial urbana, ancorada pela produção imobiliária, tornou as áreas periféricas em geral mais plurais e complexas, ao mesmo tempo que minimizou a pressão do déficit habitacional para as famílias pobres. Novos significados e características específicas de uma lógica fragmentária vêm tornando as novas periferias complexas do ponto de vista de seus conteúdos e de suas formas urbanas. Essa “nova periferia”, com sua variedade de “tessituras”, tem nos apontado para fenômenos emergentes passíveis de interpretação, como os expostos aqui a partir da perspectiva da fragmentação socioespacial.

Reconhece-se, portanto, a complexificação desses espaços e a reconfiguração da lógica centro-periférica nas cidades de Sobral (CE) e Mossoró (RN). A coexistência de espaços residenciais fechados para a classe média/alta, habitações populares para famílias com renda entre um e três salários mínimos (fruta da ação integrada do Estado e da iniciativa privada) e *habitats* precários, como favelas e loteamentos irregulares, por exemplo, além do surgimento de novas áreas de centralidade com espaços segmentados de consumo, tem transformado a divisão social do espaço, bem como a desigualdade no uso e na apropriação do espaço urbano pelos diferentes segmentos socioeconômicos.

É importante destacar que as relações centro-periferia nas duas cidades se revelam diferenciadas. Em Mossoró, a fragmentação socioespacial é mais complexa, pois as novas áreas periféricas já vêm sendo produzidas há mais tempo e evidenciam conteúdos socioespaciais que articulam o morar, o consumir e o lazer de maneira mais consistente. No mesmo setor urbano em que se encontram os ERFs destinados à elite, por exemplo, está também o único shopping center da cidade, próximos a ofertas de comércio e serviços que facilmente acessados por uma mobilidade individual e motorizada. De algum modo, essa periferia é, nesse sentido, uma área de centralidade, por atrair fluxos e práticas espaciais que estão além da dimensão do habitar.

Já em Sobral, as novas áreas periféricas ainda em consolidação se constituem muito mais como áreas residenciais do que de consumo, embora alguns

equipamentos comerciais com produtos e serviços diferenciados destinados às famílias de alto *status* dos ERFs tenham sido inaugurados ao longo das vias de acesso a esses empreendimentos residenciais. Em outras palavras, a fragmentação socioespacial revela novas periferias sem um conteúdo de centralidade, posto que aquilo que a caracteriza – isto é, a reunião e o encontro mediados pela atividade comercial, o consumo e o lazer – não se faz presente com grande contundência. O *shopping center* da cidade, assim como outras grandes superfícies comerciais (o Atacadão, por exemplo), está bem próximo do centro da cidade e do terminal rodoviário interurbano. Apesar de ser um bairro popular que vem se tornando alvo de investimentos imobiliários no setor de ensino superior privado e de habitação e serviços, a proximidade com o centro potencializa uma relevante sinergia em termos de fluxos, reforçando-o.

A propósito desses questionamentos, cabe reiterar que a ação dos promotores imobiliários, bem como do Estado – no caso do PMCMV –, vem reforçando o processo de segregação socioespacial nessas duas cidades, incidindo no que temos conceituado como fragmentação socioespacial, quando consideradas outras instâncias e dimensões empíricas da vida cotidiana. Entretanto, ocorre que, em ambas as cidades, podemos observar que, em alguns casos, as distâncias geométricas entre espaços residenciais dos estratos de baixa renda não são tão grandes, o que poderia fazer-nos supor que a segregação socioespacial seria passível de ser relativizada, mas seria um erro pensar que o processo de fragmentação socioespacial se restringe às distâncias no plano físico do espaço. Muito mais que geométricas, trata-se de distâncias e barreiras socioeconômicas e simbólicas erigidas no cotidiano, na mobilidade cotidiana, nos percursos urbanos, nas práticas espaciais, no consumo, nos ritmos, nos (des)encontros e nos estigmas territoriais. Essa nova divisão social e econômica do espaço, produto do processo de fragmentação socioespacial, retroalimenta-se de sociabilidades que buscam negar a cidade como um espaço coletivo de encontro dos diferentes, fragilizando os laços sociais que constituem a vida urbana.

Referências

- AMORIN, E. M. J. C. *As cidades médias e suas múltiplas particularidades: produção e consumo do espaço urbano em Marília-SP e Mossoró-RN*. 2016. 246 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2016.
- AMORIN, W. V. Os novos espaços do morar e a fragmentação socioespacial em uma cidade média: exemplos de Sobral-CE. *Espaço Aberto*, PPGG UFRJ, v. 14, p. 281-301, 2024.

- ARAÚJO, T. B. Herança de diferenciação e futuro de fragmentação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 29, p. 7-36, 1997.
- _____. *Nordeste, Nordestes: Que Nordeste?* Recife: Observanordeste; Fundação Joaquim Nabuco, 2002.
- ASSIS, L. F. Especulação imobiliária e segregação socioespacial na cidade de Sobral. In: HOLANDA, V. C. C.; AMORA, Z. B. (Orgs.). *Leituras e saberes sobre o urbano. Cidades do Ceará e Mossoró, no Rio Grande do Norte*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. p. 165-87.
- BLOG SOBRAL INFORMATIVO. Bairro Sinhá Saboia – entrega das 496 casas dos residenciais Jatobá I e II será nesta terça-feira (30). Blog Sobral Informativo, 30 out. 2012. Disponível em: <http://sobralinformativo.blogspot.com/2012/10/bairro-sinha-saboia-entrega-das-496.html>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- BRENNER, N. *Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2018.
- BURGEL, G. La périphérie urbaine revisitée. *Espace, populations, sociétés, Nanterre*, p. 359-66, 1991-1992.
- CALDEIRA, T. P. do R. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 47, p. 155-76, 1997.
- _____. Urbanização periférica: autoconstrução, lógicas transversais e política em cidades do sul global. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 26, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202436>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- CARDOSO, A. L. Avanços e desafios na experiência brasileira de urbanização de favelas. *Cadernos Metrópole*, v. 17, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8771>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- CERQUEIRA, E. D. V. Da periferia às periferias? Pela criação de um novo quadro analítico dos espaços periféricos. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 27 n. 41, p. 180-211, 2022.
- CONSTRUTORA CAGEO. Residencial Jardim das Palmeiras em Mossoró/RN com 410 unidades habitacionais com entrega prevista para esse ano. Mossoró-RN, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1746953475524140&id=1746535622232592&set=a.1746952848857536>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- CORRÊA, R. L. A periferia urbana. *Geosul*, Florianópolis, n. 2, p. 70-8, 1986.
- _____. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L.; PINTAUDI, S. M. (Orgs.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 38-59.
- COSTA, P. M. C. *A outra face de Sobral-CE: ocupações irregulares e a política de regularização fundiária de interesse social*. 2023. 222 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2023.
- D'ANDREA, T. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36. Jan.-abr. 2020.

- DAVIDOVICH, F. Brasil metropolitano e Brasil urbano não-metropolitano – algumas questões. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 123-9, abr./jun. 1991.
- DIAS, L. de P.; SILVA, Â. M. da. Atravessando os muros: similaridades e singularidades dos espaços residenciais fechados “Alphaville, Quintas do Lago e Sunville” em Mossoró/RN. In: *Anais do XIX Enanpur – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Blumenau, 2022. Disponível em: https://www.sisgeenco.com.br/anais/enanpur/2022/arquivos/GT5_SEM_804_812_20211215201228.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.
- DOURADO, J.; SOBRINHO, F. L. A. O processo de periferização da habitação financiado pelo Programa Minha Casa Minha Vida. *Sociedade e Natureza*, Uberlândia, v. 32, p. 740-51, 2020.
- ELIAS, D.; PEQUENO, R. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, M. E.; ELIAS, D. S.; SOARES, B. R. (Orgs.). *Agentes econômicos, reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 101-283.
- FELIPE, J. L. A. Dinâmicas econômicas do Nordeste brasileiro. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)*, v. 20, n. 1, p. 80-90, 2018. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/383>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- G1 RN. Sorteados com apartamentos da Prefeitura de Mossoró têm até a quarta-feira para apresentar documento. G1 Rio Grande do Norte, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2019/01/29/sorteados-com-apartamentos-da-prefeitura-de-mossoro-tem-ate-a-quarta-feira-para-apresentar-documentos.ghtml>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- HARVEY, D. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- _____. *A condição pós-moderna*. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- _____. *Regiões de Influência das Cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- _____. *Censo Demográfico do Brasil de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- _____. Favelas e Comunidades Urbanas: IBGE muda denominação dos aglomerados subnormais. IBGE – Agência Notícias, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38962-favelas-e-comunidades-urbanas-ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- KAYSER, B. Quoi de neuf à la périphérie des villes? *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest*, v. 53, n. 1, p. 5-6, 1982.
- LANGENBUCH, J. R. Depoimento. Periferia Revisitada. *Espaço & Debates*, a. XVII, n. 42. São Paulo: Neru, 2001. p. 85-91.

- LEFEBVRE, H. Une nouvelle positivité de l'urbain. Entrevista com Serge Renaudie e Catherine Régulier. *M, Mensuel, Marxisme, Mouvement*, v. 17, p. 62-6, 1988.
- _____. Quand la ville se perd dans une métamorphose planétaire. *Revue Le Somme et le Reste*, Paris, p. 21-3, 2004.
- _____. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.
- LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. *Caminhos de Geografia*, v. 22, n. 81, p. 235-48, jun. 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55499/31706>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- LIMA, J. G. *Dinâmicas urbanas em espaços sertanejos cearenses: novas configurações do urbano e ações imobiliárias em Sobral*. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2014.
- MARCHAL, H.; STÉBÉ, J.-M. Repenser la centralité, l'exemple d'une ville moyenne française. *Sociologie et Sociétés*, v. 45, n. 2, p. 111-28, 2013.
- MARCUSE, P. No caos, sino muros: el postmodernismo y la ciudad compartimentada. In: RAMOS, Á. M. (Org.). *Lo urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona: Ed. UPC, 2004. p. 83-90.
- MARICATO, E. *Política habitacional no regime militar*. Do milagre brasileiro à crise econômica. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Orgs.). *A Cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-92.
- MONTE-MÓR, R. L. de M. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n. 111, p. 9-18, jul.-dez. 2006.
- MORCUENDE, A. Por trás das origens da fragmentação socioespacial. *Mercator*, Fortaleza, v. 20, jul. 2021. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e20022>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- NASCIMENTO, E. A. *A expansão do mercado imobiliário em Mossoró: acumulação capitalista e o aprofundamento das contradições socioespaciais*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- NAVEZ-BOUCHANINE, F. *La fragmentation en question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- O DIÁRIO. Sobral – Moradores do Residencial Nova Caiçara recebem novas unidades do Minha Casa Minha Vida. *O Diário*, 24 nov. 2015. Disponível em: http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral/_sobral-moradores-do-residencial-nova-caicara-recebem-novas-unidades-do-minha-casa-minha-vida/7362. Acesso em: 22 abr. 2021.
- OLIVEIRA, F. de. O Estado e o urbano. *Espaço & Debates*, São Paulo, n. 6, p. 36-54, 1982.
- OLIVEIRA, J. P. Reflexões a respeito da evolução histórica da centralidade regional de Mossoró-RN e suas influências no espaço da cidade. *Geotemas*, v. 2, n. 1, p. 73-86, jan./jun. 2012.

- PEREIRA, C. S. S. *A nova condição urbana*. Espaços comerciais e de consumo na produção e reestruturação da cidade. Curitiba: Appris, 2020.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ. Entrega das casas do Conjunto Odete Rosado é re-marcada para 20 de dezembro pelo Governo Federal. Prefeitura Municipal de Mossoró, 2017. Disponível em: <https://www.prefeiturademossoro.com.br/noticia/1795/entrega-das-casas-do-conjunto-odete-rosado-e-remarcada-para-20-de-dezembro>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades. *Perfiles Latinoamericanos*, n.19, p. 33-56, 2001.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.-F.; PINEDA, R. Buenos Aires: la fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada. *Eure*, v. XXXIV, n. 103, p. 73-92, dez. 2008.
- REN, X. The Peripheral Turn in Global Urban Studies: Theory, Evidence, Sites. *South Asia Multidisciplinary Academic Journal*, v. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/samaj.7413>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- RICHMOND, M. A.; JESUS, P. M. de; LEGROUX, J. Chamada para o dossiê “A ‘poliperiferia’ e o ‘giro periférico’ nos estudos urbanos”. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/announcement/view/27>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- ROCHA, A. P. B. *Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004): geografia dinâmica e reestruturação do território*. Natal: Editora da UFRN, 2005.
- ROLNIK, R. *Guerra dos lugares*. A colonização da terra e da moradia na era das finanças. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- RONCAYOLO, M. *La ville et ses territoires*. Paris: Gallimard Folio, 1997.
- ROY, A. Las metrópolis del siglo XXI: nuevas geografías de la teoría. *Andamios*, v. 10, n. 22, p. 149-82, maio-ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/anda/v10n22/v10n22a9.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- _____. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. *E-Metropolis: Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais*, n. 3, p. 1-16, 2017. Disponível em: http://emetropolis.net/system/artigos/arquivo_pdfs/000/000/233/original/emetropolis31_capa.pdf?15138. Acesso em: 19 jan. 2025.
- SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SANTOS, R. B. dos. *Movimentos sociais urbanos*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- SILVA, C. F. da. A contextualização do PMCMV em uma cidade média: nova configuração territorial e impacto socioespacial no Conjunto Santa Júlia em Mossoró-RN. *Revista de Geografia*, Recife, v. 37, n. 3, 2020.
- _____. A fragmentação socioespacial em cidades médias brasileiras: tendências e perspectivas da nova condição urbana. *Geo UERJ*, v. 44, p. 1-20, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/72496>.

- SILVA, C. F. da; MELAZZO, E. S. Trajetórias e percursos de acesso e consumo da habitação na cidade em fragmentação socioespacial: representações e reflexões sobre habitats populares e dos segmentos médios/altos. In: MELAZZO, E. S. (Org.). *Entre a casa e a cidade: transformações em múltiplas escalas e fragmentação socioespacial*. No prelo.
- SOBRAL ONLINE. MP recomenda que prefeitura de Sobral e PM realize ações contra obras e ocupações irregulares no Residencial Nova Caiçara. *Sobral Online*, jul. 2021. Disponível em: <https://sobralonline.com.br/mp-recomenda-que-prefeitura-de-sobral-e-pm-realize-acoes-contras-obras-irregulares-no-residencial-nova-caicara/>. Acesso em: 19 jan. 2025.
- SOJA, E. *Geografias pós-modernas*. A reafirmação do espaço na Teoria Social Crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SPOSITO, M. E. B. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do estado de São Paulo, Brasil. *Investigaciones Geográficas – Bol. Inst. de Geografía*, v. 54, p. 114-39, Cidade do México, 2004.
- _____. Multi(poli)centralidade urbana. In: SPOSITO, E. S.; SANT'ANNA NETO, J. L. (Orgs.). *Uma geografia em movimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.
- _____. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. *Proceedings of the Congress of the Latin American Studies Association*, Boston, May 24-27, 2019.
- _____. Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo. *Tlalli. Revista de Investigación en Geografía*, Ciudad de México, n. 8, p. 56-85, dic. 2022.
- SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial. *Mercator*, Fortaleza, v. 19, jun. 2020. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19015>. Acesso em: 18 fev. 2023.
- TEIXEIRA, V. M. L.; SILVA, C. F. da; PEREIRA, C. S. S. Divisão social do espaço e fragmentação socioespacial em Mossoró/RN. *Mercator*, Fortaleza, v. 21, nov. 2022.
- TELLES, V. da S. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. *Revista de Ciências Sociais*, v. 46, p. 15-41, jan./jun. 2015.
- TRINDADE, T. A pandemia que escancarou nossa questão urbana. *Carta Capital*, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/a-pandemia-que-es-cancarou-nossa-questao-urbana/>. Acesso em: 19 jan. 2025.

Wagner Vinícius Amorim

Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestrado, doutorado e pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Presidente Prudente. Professor dos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (ProPGeo) da Universidade Estadual do Ceará (Uece), *campus* do Itaperi, Fortaleza. Coordenador do Projeto “Economia política da urbanização e produção do espaço urbano no estado do Ceará”, apoiado pelo CNPq (Processo n. 406836/2023-0) e pesquisador associado do Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas” (FragUrb), apoiado pela Fapesp (Processo n. 18/07701-8).

Email: wagner.amorin@uece.br

ORCID: 0000-0002-4108-5798

Contribuição de autoria: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Obtenção de Financiamento; Investigação/Pesquisa; Metodologia; Administração do Projeto; Recursos; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição.

Cláudio Smalley Soares Pereira

Possui graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri (Urca) e mestrado, doutorado e pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente. Professor dos cursos de bacharelado e licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (ProPGeo) da Universidade

Estadual do Ceará (Uece), campus do Itaperi, Fortaleza. Coordenador do Projeto “Atlas das dinâmicas sociais e ambientais em Petrolina-PE e Juazeiro-BA”, apoiado pelo CNPq (Processo n. 409930/2021) e pesquisador associado do Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas” (FragUrb), apoiado pela Fapesp (Processo n. 18/07701-8).

Email: claudio.smalley@uece.br; clasmalley@gmail.com

ORCID: 0000-0002-4624-4057

Contribuição de autoria: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação/Pesquisa; Metodologia; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição.

Cleiton Ferreira da Silva

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutorado em Geografia pela UFPE e pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de Presidente Prudente. Pesquisador associado do Projeto Temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas” (FragUrb), apoiado pela Fapesp (Processo n. 18/07701-8).

Email: cleiton.f.silva@unesp.br; cleiton.ferreira@upe.br

ORCID: 0000-0002-3846-763X

Contribuição de autoria: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação/Pesquisa; Metodologia; Escrita – Primeira Redação; Escrita – Revisão e Edição.

Submissão: 30 de abril de 2024.

Aprovação: 7 de dezembro de 2024.

Editores da RBEUR: Maria Encarnação Beltrão Sposito e Everaldo Santos Melazzo.

Editores do Dossiê: Matthew A. Richmond, Patrícia Maria de Jesus e Jean Legroux.

Como citar: AMORIM, W. V.; PEREIRA, C. S. S.; SILVA, C. F. da. Fragmentação socioespacial e novas periferias em cidades médias do Semiárido brasileiro: Mossoró (RN) e Sobral (CE). *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V.27, E202514, 2025 DOI: <http://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202514>.

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR